

Prefácio

Tudo começou há quase dois anos, no final de uma palestra que proferi na APM-Associação Paulista de Medicina, a convite de um grupo emergente preocupado com o tema que está na crista da onda: “A Humanização da Medicina, e a Medicina sem pressa”. Pouco mais de meia hora, alguns slides salpicados com cenas de filmes -metodologia da qual não quero nem posso mais prescindir- para tentar provocar a reflexão. Sim, reflexão, pois o tema da Humanização da Medicina não é uma questão de protocolos, nem de estratégias: no final das contas, centra-se na pessoa. E essa, a pessoa, quer dizer nós mesmos, nem sempre está disposta a deixar-se humanizar. Dai o imperiosa necessidade de fazer as pessoas refletirem para que decidam se vão embarcar -ou não- nessa empreitada.

Talvez por isso -por levar o desafio até o ponto álgido- aliado a um amigo comum que tínhamos, enquanto recolhia meu material no final da palestra, o Leonardo Lourenço aproximou-se de mim, apresentou-se e me disse que gostaria de conversar com calma sobre estes temas. Identifiquei-o imediatamente, como o brilhante colega de quem nosso amigo comum me tinha falado. Combinamos de nos encontrar nas reuniões mensais sobre Educação e Humanismo Médico que coordeno na SOBRAMFA, Instituição que acompanho desde os começos, há mais de 25 anos.

O Leonardo passou a ser um *habitué* das reuniões humanistas onde, após observar atentamente as intervenções dos participantes -a reunião é um workshop altamente interativo- sempre nos brindava no final com considerações que cristalizavam em exemplos reais da sua própria história de vida. Cresceu nossa amizade, aprendi a admirar seus pontos de vista,

começamos a alinhar projetos que pudessem ajudar outros colegas nessa trajetória que ele mesmo estava percorrendo: a de reconstruir o ser humano, até o momento deficiente, que tem de sustentar o médico brilhante e atualizado.

Há poucas semanas Leonardo espetou-me: “Estou acabando de escrever um livro. Gostaria que lesse e ficaria honrado de ter seu prefácio”. Sorri afirmativamente, e o livro chegou no meu e-mail poucos dias depois. Li em várias horas, quase de uma tacada. Era-me muito familiar, pois grande parte do conteúdo já o conhecia pelas nossas conversas informais, e pelos comentários que o nosso autor colocava nas reuniões humanistas. Porque a presente obra é, antes de mais nada, a descrição da história de vida do autor, das descobertas e surpresas, dos pontos de inflexão a que submeteu seu percurso vital.

É a narrativa pessoal a que disparou todas estas reflexões no eco da luta contra a obesidade, contra a arrogância, contra o solene desprezo pelos outros, pacientes e familiares incluídos. Na luta contra deixar de ser o umbigo do mundo. Não falto ao respeito com estas expressões que são benignas e mitigadas comparadas à autocrítica que o autor expõe com coragem, sem tapumes, de peito aberto. Somente por isso, é preciso saudar esta obra com admiração: pela alta densidade de franqueza e sinceridade.

Quem não tem medo nem vergonha de se expor á própria crítica tem um longo caminho adiantado na hora de contemplar o universo que nos cerca. Arremete contra falsos paradigmas do ensino médico reproduzindo frases de gurus consagrados: “não perca tempo com historinhas de pacientes, centre-se no aspecto médico”. Pergunta-se: “Afinal, o que é o aspecto médico? O que consigo medir e tocar? Vamos fatiar o paciente em virtude do tal aspecto médico para reclamar depois da segmentação da medicina, da incapacidade de ver o paciente -o outro!- como o que realmente é: uma pessoa, um todo indivisível? Eu aprendi que

tocar cirurgicamente um cérebro não é nada, absolutamente nada, comparado a tocar a alma e os corações das pessoas. Hoje eu procuro utilizar a medicina muito mais como uma ferramenta para ajudar outros do que um troféu para mim mesmo”. Confesso que lendo estas linhas lembrei de um outro neurocirurgião, famoso professor, que após muitos anos de prática, escreve um livro magnífico mostrando seus equívocos e como construiu seu caminho de volta para cuidar do paciente com empatia. ¹

Leonardo não aborda nenhum dos temas, sem antes escudrinhar as próprias fragilidades, pois é a reflexão iluminada sobre elas, o que lhe conduz às conclusões que aqui plasma. A reconquista da família: “No início, mais do que estar casado com uma pessoa, eu estava mais mesmo era casado com o meu próprio sistema de crenças”. O saber prescindir do ibope e da opinião alheia que paralisa as mudanças, porque é fato que nos preocupamos com o que os outros vão pensar, com ter que dar explicações, elementos todos que são barreiras para uma verdadeira mudança. Reconhecer os medos: “uma sensação de medo da morte ‘moral’; agora já não se tratava mais de um legítimo medo de morrer fisicamente, mas sim de uma trágica morte ‘de sentido’, uma morte ‘da alma’. O encontro com a verdadeira vocação: “Descobri que, antes de ser um bom neurocirurgião, há que ser um bom médico. Mas antes de ser um bom médico, há que ser um bom ser humano. Essa é a minha jornada atual, a de tentar recompor elementos ignorados na composição de mim mesmo”.

O nome -NEUROCIDIO- surpreendeu-me; apenas em parte, porque o subtítulo me é familiar, altamente sugestivo: “Quem sou eu sem os meus problemas”. Impossível deixar de evocar ao filósofo espanhol, Ortega y Gasset, na sua conhecida afirmação: “Eu sou eu e as minhas circunstâncias”. Frase muito citada, mas a

¹ Henry Marsh: “ Sem Causar Mal”. (Histórias de vida, morte e neurocirurgia). nVersos. São Paulo, 2016. 287 pgs.

maior parte das vezes de modo incompleto, pois a frase continua “...e se não salvo ela (a circunstância) eu também não me salvo”. Coloca-se -na cultura popular- a circunstância como uma desculpa, e não como um desafio que é preciso salvar, redimir. Por isso acrescenta Ortega: “Temos que buscar para nossa circunstância o que tem de peculiaridade, o lugar acertado na imensa perspectiva do mundo. Não nos deter diante dos valores fixos, mas conquistar na nossa vida individual o local oportuno entre eles. Em resumo: a reabsorção da circunstância é o destino concreto do homem”²

Os problemas de que o autor nos fala são os que embaçam os contornos do eu, circunstâncias que não se salvam, recurso para delegar responsabilidades que cabe a cada um resolver. Apaixonante tema que cria um verdadeiro alto voltaico de reflexão entre as considerações do Leonardo, e o pensamento vitalista de Ortega. Recentemente li um livro de Julián Marías, discípulo direto de Ortega, onde amplia este pensamento de modo magnífico, um verdadeiro apelo à responsabilidade de cada um. “A vida se move entre dois elementos que não se escolhem: um deles é a circunstância que nos é imposta, com a qual nos deparamos, querendo ou não; o outro é a vocação, que não nos é imposta, porque frente a ela somos livres, mas nos é proposta, e se somos infiéis a ela, uma vez que a descobrimos, a consequência é a inautenticidade, a falsidade da nossa vida”.³

A trajetória da conversão do autor, encerra muitos e variados recados que ele se esforça por descrever didaticamente, no intuito de poder ajudar a outros. Assim, sublinha a importância da narrativa para poder reconstruir a própria autobiografia que diz ser maleável: visitar o passado, sem mudar os fatos, mas com outro olhar, com nova empatia para conosco mesmos. Exorta a

² José Ortega y Gasset: “Meditaciones del Quijote”. Revista de Occidente. Alianza Editorial. Madrid. 1981. 165 pgs.

³ Julián Marías: España Inteligible. Razón Histórica de las Españas. Alianza Editorial. Madrid. 2014. 421 págs.

viver o presente sem se iludir com o futuro, apontando que “a meta cristalizada na nossa mente serve como uma jaula do nosso futuro, drenando todos os nossos recursos físicos e mentais para tentar entregar o que foi planejado. Onde está a sua meta, no futuro? Ou no seu coração?”.

Os conhecimentos de Neurociências se fazem presentes -e necessários- nestas mudanças que postula. A neuroplasticidade, conceito muito mais amplo do que normalmente admitido, que nos permite aprender com o passado, e desprender-se desse modo de pensar e ser -desse eu!,- lastro enorme que é preciso sacrificar: a morte do modo de pensar, o NEUROCIDIO. Aborda-se a evolução do ser humano, e a revolução cognitiva através de contar histórias que abre as portas para essa outra revolução- evolução pessoal, de que o autor é um exemplo.

E avança para o campo de atuação profissional, postulando que as abordagens clássicas em neurocirurgia poderiam ser complementadas , com melhores resultados, com uma postura humanística. Sou obrigado a reconhecer a coragem do Leonardo, neste notável esforço e reflexão de alguém que tem por ofício médico um campo de grande especificidade, de base anatômica y fisiológica, enfim, de algo que aparentemente não tem ligações explícitas com o campo afetivo. Como operar um tumor cerebral de modo humanístico, humano? Essa é a pergunta que o nosso autor se coloca, e da qual não quer fugir, porque insiste em colocar o paciente -não o tumor- no papel de protagonista.

Releio o escrito até aqui e entendo que é momento de encerrar. E de fazer uma advertência pessoal, não a modo de crítica, mas sim como um interrogante necessário. Ao tempo que me alegro e parabenizo ao meu amigo autor por esta trajetória que lhe conduziu à sua epifania pessoal -deixar de ser quem era, para se transformar em outro- os anos e a experiência da condição

humana (como diria Hannah Arendt⁴), fazem com que me pergunte: é possível que as fraquezas humanas se superem somente com Neuroplasticidade? O processo descrito por Leonardo é claro, mas uma vez desterrado aquele eu que me aprisiona, o que vai ocupar o seu lugar? Não apenas conquistar, mas colonizar, sociabilizar, enfim, assentar-se de um modo estável. O vácuo moral é instável, e o princípio de Arquimedes também é vigente nestas lides: onde um corpo sai, tem de entrar outro; ou vice-versa. E se não o colocamos voluntariamente -com esforço- é possível que ocorra assentamento de novos inquilinos indesejáveis.

De algum modo o autor aponta que para tal é preferível ter entusiasmo ao invés de expectativas. E novamente Ortega vem à minha mente quando escreve: “O entusiasmo é o poder que nos multiplica e que nos leva a intimar com as coisas, a ser inteiros para cada uma delas e a viver durante um tempo sua vida peculiar”⁵. O entusiasmo nos aproxima das coisas, da vida, do novo ideal.....Mas por algum tempo apenas. É preciso algo a mais para ter estabilidade nas novas decisões.

Leonardo comenta que o amor não pode ser dependente, não combina com a conjunção condicional “se”. A frase de Santo Agostinho traz uma luz sobre este ponto: “Ama e faz o que quiseres”. Mas, de que amor nos fala Agostinho, qual é o amor não condicionado de Leonardo? Um dos meus livros favoritos de Ortega⁶ recolhe um pensamento que pode ajudar neste importante dilema: “Santo Agostinho, um dos homens que mais profundamente pensaram sobre o amor, consegue liberar-se dessa interpretação que faz do amor um desejo ou simples apetite.

⁴ Hannah Arendt: “A Condição Humana”. Forense Universitária. Rio de Janeiro. 2017. 400pgs.

⁵ J. Ortega y Gasset: “Meditación del pueblo joven y otros ensayos sobre América”. Revista de Occidente. Madrid. 1981., pg. 37

⁶ Ortega y Gasset, J. *Estudios sobre el Amor*. Revista de Occidente. Madrid. 1996. Pg 55

E assim diz de modo lírico: *Amor meus, pondus meum*. O meu amor é o meu peso, minha densidade. Amor é gravitação em direção ao amado”. Quem sabe o amor, em lei gravitacional, que nos prende e nos faz amar a decisão de mudança, é a verdadeira compensação -em termos físicos e morais- para salvar o vácuo moral de Arquimedes na procura de nós mesmos.

Meu caro amigo e colega Leonardo. Um bravo à sua coragem que levou a descrever nesta obra sua trajetória de mudança. Aqui estão os meus braços abertos para colaborar com você na mudança de muitos outros, algo que ambos almejamos. E uma advertência: olharmos com paciência e compreensão para aqueles que, mesmo lendo e digerindo as palavras que aqui você recolhe, enfrentem dificuldades e obstáculos para a pessoal reconstrução. Não é fácil, embora todos desejem. Marañón, o grande médico humanista, dizia que “somente conhece os caminhos retos quem já andou alguma vez pelos tortos, e a melhor ajuda não é a do homem impoluto mas a de aquele que tem na alma as cicatrizes de muitas retificações”⁷. As cicatrizes das nossas pessoais correções são credencial que abre passo ao carinho – ao amor que é peso e densidade- para estimular a muitos.

São Paulo, 19 de Março de 2019

Pablo González Blasco, MD, PhD
Diretor Científico da
SOBRAMFA- Educação Médica e Humanismo
www.sobramfa.com.br

⁷ G. Marañón: "Los deberes olvidados " (Conferencia, 1933).Obras Completas. Vol. III, Espasa Calpe. Madrid 1967